

INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS:
POSSIBILIDADES E PROCESSOS NO ENSINO DA ARTE



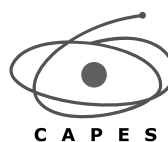
Reitora Nádina Aparecida Moreno
Vice Reitora Berenice Quinzani Jordão

COORDENADOR INSTITUCIONAL DO PIBID / UEL

Prof. Dr. Sergio de Mello Arruda

COORDENADORA DE GESTÃO DO PIBID / UEL

Profa. Dra. Eliana Aparecida Silicz Bueno



INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS: POSSIBILIDADES E PROCESSOS NO ENSINO DA ARTE

Juliano Reis Siqueira
Renan dos Santos Silva

Capa
Marcos da Mata

Editoração Eletrônica
Vinicius Escano Correia

Impressão e Acabamento
Midiograf
500 exemplares

Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos
da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

-
- I56 Iniciação à docência em artes visuais : possibilidades e processos no ensino da arte / Juliano Reis Siqueira, Renan dos Santos Silva (organizadores). – Londrina : UEL, 2014.
221 p. : il.

Vários autores.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7846-243-7

1. Artes visuais – Formação de professores. 2. Professores de Artes – Prática de ensino. 3. Artes visuais – Estudo e ensino. 4. Artes – Bolsas de pesquisa. 5. Universidade Estadual de Londrina – Bolsas de pesquisa. I. Siqueira, Juliano Reis. II. Santos Silva, Renan dos. III. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

CDU 7:37.02

SUMÁRIO

PIBID ARTES VISUAIS: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES	13
--	----

CAPÍTULO 1

A AÇÃO PEDAGÓGICA EM TRÊS ESTÁGIOS DE ATUAÇÃO: PLANEJAMENTO, APLICAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO.

A DOCÊNCIA COMO PRÁXIS: REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DO DOCENTE EM ARTES VISUAIS	29
TRIDIMENSIONAL E EXPERIÊNCIA MULTISSENSORIAL: UMA PROPOSTA DE VIVÊNCIA ESTÉTICA COMO EXPLORAÇÃO DOS SENTIDOS	43
O DIVISOR COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COLETIVA NA VIVÊNCIA ESCOLAR	49
O BIDIMENSIONAL EM SUAS VERTENTES E POSSIBILIDADES DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	57
O PLANO DE TRABALHO DOCENTE E OS ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS: ENTRE ERROS E ACERTOS	65

CAPÍTULO 2

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE E AS POSSIBILIDADES GERADAS PELO PIBID: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE VISUAL

COMO DEVE SER O ENSINO DA ARTE? QUAIS CAMINHOS SEGUIR?	75
ARTE CONTEMPORÂNEA NAS OFICINAS DO PIBID: DESDOBRAMENTOS	85
A ABRANGÊNCIA DA AÇÃO DOCENTE	93
O ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA: ABORDAGEM MULTICULTURAL NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO	99
PERCEPÇÕES DO IMPACTO DO PIBID SEGUNDO O OLHAR DAS BOLSISTAS EM INICIAÇÃO A DOCÊNCIA	105
O PENSAMENTO TRANSGRESSOR POSSIBILITADO PELA ARTE-EDUCAÇÃO, MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA	111

CAPÍTULO 3

O ENSINO DA ARTE, A FORMAÇÃO DOCENTE E O COTIDIANO ESCOLAR: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES A PARTIR DO PIBID.

FORMAÇÃO DO EDUCADOR EM ARTE: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO	121
EDUCAÇÃO EM ARTE: O PIBID COMO AÇÃO TRANSFORMADORA	131
ARTE-EDUCAÇÃO: UM CAMPO DE DESCOBERTAS E POSSIBILIDADES	137
ARTE HUMANIZADORA: EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA	145
MEDIAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR SENSÍVEL	151
A CONSTRUÇÃO DE OLHARES CRÍTICO-SENSÍVEIS POR MEIO DA ARTE NO CONTEXTO DA ESCOLA TRADICIONAL: ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA WALDORF	157
OLHAR REFLEXIVO SOBRE O ENSINO: A EXPERIÊNCIA COM O PIBID	165

CAPÍTULO 4

ARTE, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

IMPACTOS DO PIBID UEL ARTES VISUAIS: ARTE, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE	173
PIBID NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE REPENSAR A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	183
A MEDIAÇÃO EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE ARTE CONTEMPORÂNEA	189
OFICINAS: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS PARA ALÉM DA ESCOLARIZAÇÃO	195
OFICINAS DE ARTES: POSSIBILIDADES HORIZONTAIS COM O PIBID	199
A OFICINA DE ARTE COMO ESPAÇO ALTERNATIVO À CRIAÇÃO	205
O INDIVÍDUO E SEU MEIO: AMBIENTE DE POTÊNCIAS CRIADORAS	209
SOBRE OS AUTORES	219

O PENSAMENTO TRANSGRESSOR POSSIBILITADO PELA ARTE-EDUCAÇÃO, MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.

*Anderson dos Santos Batista
Luciana Aparecida Padovani*

Sendo a arte uma área de conhecimento, o ensino de arte feito com arte deve ser de importância singular, visando sempre a uma experiência estética constante, que possibilita, assim, o afloramento da imaginação do estudante, a ampliação da visão de mundo, colocando os alunos com uma postura significativa diante do seu cotidiano, melhorando a relação do homem com os espaços, os lugares, as formas, o próximo e consigo mesmo, pois “se percebe inúmeras ações que pretendem aproximar a arte da vida cotidiana, afim de que sua execução e fruição se tornem mais e mais um meio de emancipação e um exercício de cidadania.” (COELHO; VILLA, 2011, p. 14)

O professor tem por intuito em que no seu cotidiano escolar, desperte o interesse do aluno, possibilitando o ensino de arte, prezando por uma absorção crítica e reflexiva desse aluno, lançando mão de estratégias, como por exemplo, o que os planos educativos de arte feitos por museus, galerias podem contribuir para a melhoria do ensino de artes nas escolas públicas, intuito esse arduamente perseguido pelo PIBID – Programa de Iniciação à Docência.

*Pibidianas em contato com a obra
“Aparadores” de Giovanni Ferreira. Museu
de Arte Contemporânea do Paraná,
Curitiba, 03 ago. 2013.
Fonte: PIBID Artes Visuais - UEL – C. E.
Marcelino Champagnat*



Através do PIBID, nos é proporcionado à desafiadora oportunidade de pensar Arte-educação de uma ótica diferente: não mais a partir, necessariamente do âmbito escolar, mas pensar Arte-Educação do viés de instituições artísticas (museus, espaços artísticos, galerias, casas de cultura), onde em ambos (âmbito escolar e extraescolar) há interações educacionais do que se está se expondo num museu para o público ou um conteúdo a ser trabalho em sala com os alunos.

O intuito é ter a arte-educação como foco central, pensada a partir das etapas de curadoria, de criação de uma exposição e da prática de mediação, contribuindo com possibilidades de escolhas de novas abordagens pedagógicas para o ensino de arte contemporânea nas escolas, enriquecendo o leque de novas possibilidades de atuação pedagógica de ensino do professor de arte, pois ao entrar em contato com outros âmbitos que não o escolar, como por exemplo, do PIBID Artes Visuais com a Divisão de Artes Plásticas de Londrina, há possibilidade de debruçar-se sobre a escola como um todo e buscar mecanismos de melhorias para prática docente.

Proporcionar contato, experiências desde cedo, de crianças e alunos com arte, é permitir que estes alunos sejam expostos às experiências estéticas que lhes possibilitam sensibilizar-se, tornar-se indivíduos conscientes de sua existência, pois os alunos,

Como sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que se chega e que, ao receber, lhe dá lugar. (...), em que a experiência soa como 'aquilo que nos acontece, nos sucede', ou (...), o sujeito da experiência é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDÍA, 2002, p. 24).



*Escultores explicando o processo de fundição em bronze a pibidianos e alunos da Escola no Atelier de Escultura da Fundação Cultural de Curitiba, Parque São Lourenço. 03 ago. 2013.
Fonte: PIBID Artes Visuais - UEL – C. E. Marcelino Champagnat*

Através dessas experiências em arte, os alunos conseguem uma integração mais íntima entre arte e vida em uma abordagem mais democrática, no sentido de criar, através do contato com a arte, sua própria existência. Esta dinâmica leva o aluno a pensar o olhar, e a partir disto, reconstruir seu próprio mundo, não ficando suscetíveis às influências alienantes do mundo, segundo Danillo Villa e Elke Coelho,

O alcance de uma exposição de arte não se restringe ao prazer presencial diante de um trabalho, mas se expande se o público for devidamente provocado a reagir a uma determinada obra de maneira a pautar a sua leitura na relevância desta para sua vida: nas leituras que a obra permite que se faça do lugar onde se vive, e da descoberta do estético na vida cotidiana. (id. *ibid.* 2011).

Pensar mediação⁴² é também pensar formas da prática docente, pois mediação não é só um processo recorrente dentro dos museus, é semelhante também ao processo de ensinar, pois para Ana Mae Barbosa, “Arte/Educação é a mediação entre arte e público e o ensino de arte é o compromisso com continuidade e/ou com currículo quer seja formal ou informal” (2005, p. 98).

Neste sentido, mediar é abrir caminhos entre fruidor e obra, pois para Milene Chiovatto (2000, p. 6), mediar é “estar entre, no meio” onde, “estando no meio, [é] que se pode, mais facilmente, perceber as necessidades dos polos e interceder no sentido de garantir um equilíbrio, uma conciliação”, em que mediar “não é permanecer inerte, impermeável, ou seja, ser apenas ‘ponte’ que interliga extremos, mas é interagir com as demandas dos extremos [...], construindo um todo significativo”, estabelecendo relações, tornando esse “encontro [...] potencial” e articulando “os conhecimentos derivados desse encontro, interligando-os numa construção coletiva”.

⁴² A partir de uma pesquisa-ação que culminou no livro “Mediação: provocações estéticas”, realizada pelo Grupo de Pesquisa “Mediação Arte/Cultura/Público do Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da UNESP (2005) que visava a um aprofundamento do conceito de mediação, algumas ações foram vinculadas à compreensão da mediação: provocar, ampliar, despertar, trocar, instigar, motivar/estimular, enriquecer, criar, passar, orientar, diagnosticar, conduzir/levar; houve também múltiplas leituras e concepções sobre mediação: mediação como encontro; meio; estratégia; percepção; que provoca trocas; nutrição e experiência estética; conhecimento para a apreciação ou processo de criação. Se mediar é estar entre, esse estar, contudo “não é passivo nem fixo, mas ativo, flexível, propositivo. Um estar entre que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe” (p.54), mas “um encontro sensível atento ao outro. Tal qual uma situação de empatia, apreciador e mediador olham o objeto de fruição e aprendem pelo olhar do outro artista/mediador/aprendiz.” (p. 44).



Aluno da Escola interagindo com obra da exposição "A Magia de Escher", Museu Oscar Niemeyer - MON, Curitiba. 03 de ago. 2013.

Fonte: PIBID Artes Visuais – UEL – C. E. Marcelino Champagnat

Com isso, o mediador “deverá estar atento às possibilidades de incorporação do conteúdo artístico por seus alunos, intervindo no sentido de potencializar os encontros com o objeto de arte e com as instâncias envolvidas em sua compreensão” (id. *ibid.* 2000), e continuamente derivá-los em novas leituras através de todas as abordagens possíveis, pois segundo DINIZ (s.d., p. 25), “a ação nunca estaciona: qualquer identidade ou ontologia é sempre um vir-a-ser”, como também estar aberto a contribuir não só como elemento intermediador, mas ser participante ativo dessas trocas de informações, dessas relações sujeito-objeto, relações que em nada difere daquelas experienciadas de dentro da sala de aula ao ensinar, pois para CHIOVATTO (p. 4) “para ministrar uma boa aula, é necessário que o professor esteja seguro em relação ao conteúdo a ser tratado, isto é, que conheça o assunto de modo a conduzir discussões produtivas e orientar processos de descoberta por parte dos alunos.”, sendo que esse professor/mediador, portanto, “não só apresenta um determinado

conteúdo, mas estimula seu valor significativo, ajustando-o a cada turma, ‘tramando’, com eles, respostas produtivas e significantes” (idem, p. 5)

As oportunidades destas experiências acessadas e mediadas nas visitas aos museus em viagens acadêmicas, proporcionadas pelo PIBID, motivam os alunos a experimentar novas sensações e potencializar sua aprendizagem, onde novos espaços serão explorados e sentidos, reconstruídos e compreendidos, exercitando equilíbrio da razão com emoção, expandindo sua imaginação, e tornando possível mesclar conhecimentos adquiridos por essas visitas à aula de arte através de constantes problematizações e contextualizações. Um exemplo foi durante um diálogo feito por um aluno do Colégio Aplicação – UEL com a pibidiana Luciana Padovani, durante a visita ao Museu de Arte de Curitiba, onde surpreendentemente, pela visita a esse museu proporcionada pelo PIBID – Artes Visuais, ele pediu a atenção dela para expor seus argumentos sobre a obra *Comunhão III* de Rodrigo Braga, onde ele relatou o que ele sentia, entendia, via e achava sobre a obra, transpondo isso para seu cotidiano, fazendo relações com a questão do homem e a natureza; baseada nessa experiência, isto nos mostra que proporcionar a aproximação dos alunos à arte, é permitir que esses alunos sejam expostos às experiências estéticas, que lhes possibilitam sensibilizar-se, tornar-se indivíduos conscientes de sua existência.

É necessária a contribuição dessa experiência através de mediação em instituições de arte como museus, espaços culturais e galerias para o ensino, e principalmente, como já dito, da arte nas escolas, pois como aconteceu com a exposição “Desdobramentos” na Casa de Cultura - Divisão de Artes Plásticas - DaP/UEL, que visa a uma constante inserção de frequentadores de escolas públicas a espaços culturais, aliando o contato desses alunos com a arte contemporânea através da DaP/UEL e, assim, transpor os resultados desse contato para dentro da sala de aula, sendo, esse contato efetivado, inquestionavelmente rico pois, através de diferentes maneiras de contato com as artes, a absorção de conteúdo imagético se dará de forma consistente e contínua, o que permite, durante sua atuação no programa e na docência plena, que os graduandos que participam do PIBID possam acessar esse conteúdo imagético dos alunos e desdobrá-los em novas proposições que enriqueça o ensino de artes.

Os professores em iniciação após terem contato com todas as etapas de uma exposição de arte visual, desde a curadoria – criação, montagem da exposição,

pesquisa e estudo das obras, artista, contexto histórico e história da arte para, então, partir para o trabalho de mediação com os alunos neste espaço, em particular, e somente após a concretização deste trabalho educativo poderão levar essas experiências para dentro da sala de aula, contribuindo, assim, para uma mudança e revigoração do ensino da arte no ambiente escolar. Pensando nisso, há, como já dito, uma articulação entre o PIBID de Artes Visuais e a DaP para que pibidianos possam não só pensar a mediação como instrumento sobre o qual debruçar-se e dar-se conta que está presente em sala, mas também pensar os mecanismos dinâmicos das oficinas que ocorrem a partir de exposições de artes e possibilidade de transposição para cotidiano escolar.

O PIBID vem justamente para permitir que nós, licenciandos, possamos entrar em contato com o meio escolar, já durante o decorrer de nossa graduação, onde temos o privilégio de refletir sobre nossa própria prática docente, que está sendo construída através desse contato, tornando-nos preparados, mais experientes e aptos para sermos flexíveis, dinâmicos e transgressores no ensino, sempre mantendo-nos críticos em relação à de que forma o ensino de arte está contribuindo para a aprendizagem por parte dos alunos de arte nas escolas, visando à diminuição da defasagem desse ensino na escola pública.

Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 19, p. 20-28, jan. fev. mar. abr., 2002.

CHIOVATTO, Milene. O professor Mediador. **Boletim Arte na Escola**. São Paulo: Instituto Arte na Escola, n. 24, p. 4-5, out./nov. 2000. Disponível em: < <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69320>>. Acesso em: nov. 2013.

COELHO, Elke; VILLA, Danilo (org). **Cartografias Cotidianas**. Londrina: EDUEL, 2011.

DINIZ, Clarissa. Da vontade de ação — experimentação, interlocução, criação — ou do devir-crustáceo. **Lastroarte**, Rio de Janeiro, [s. d.] p. 1-26. Disponível em: <<<http://www.lastroarte.com/files/textos/clarissa-diniz/da-vontade-de-acao-clarissa-diniz.pdf>>> Acessado em 26 de outubro de 2013.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: provocações estéticas**. São Paulo, Programa de Pós-graduação em Artes, Instituto de Artes/UNESP, v.1, n.1, out. 2005. São Paulo: UNESP, 2005.